

Tadeu Duda

Auditor interno e primeiro  
funcionário efetivo da Ocepar

# Divisor de águas

Texto e fotos: Marli Vieira

“

**A constituição da Ocepar foi um divisor de águas, portanto, a sua criação pode ser considerada a primeira grande conquista do cooperativismo paranaense. A Ocepar colocou-se à frente das cooperativas e atuou como porta-voz junto ao governo e agentes financeiros**

”

No último dia 2 de abril, a Ocepar completou 44 anos. A assembleia geral de constituição que lotou o auditório da Cooperativa Agro-Mate, em Curitiba, as dificuldades de início, os principais apoiadores, as primeiras bandeiras, entre tantos outros fatos que marcaram os passos iniciais daquela que viria a ser a porta-voz das cooperativas do Paraná, ainda estão vivos nas lembranças do auditor interno Tadeu Duda, funcionário efetivo número 01 da Ocepar. Em entrevista à Revista Paraná Cooperativo, Tadeu Duda, 73 anos, conta como se deu a criação da Ocepar, memórias que se fundem com a sua própria trajetória de vida. Ao trazer o seu testemunho, o Sistema Ocepar presta uma homenagem a todos aqueles que ajudaram – e ainda ajudam – a construir a sua história.

**Paraná Cooperativo** - Fale um pouco sobre o senhor, onde nasceu, qual a sua formação e onde trabalhava antes da Ocepar?

**Tadeu Duda** - Nasci em 24 de setembro de 1941, no município de Rio Azul, a cerca de 180 quilômetros de Curitiba, capital do estado. Nos quatro anos em que cursei o primário, frequentava a escola pela manhã, trabalhava na roça à tarde e estudava em casa à noite. Minha família dedicava-se à agricultura de subsistência e à exploração da erva-mate. Com a erva-mate, aliás, o trabalho avançava horas depois de anoitecer. Só depois de terminar o

trabalho, ia pra casa estudar à base de luz de lampião de querosene.

Esta foi minha rotina de 1949 a 1952. Era cansativo, mas era uma obrigação. Meu pai e minha mãe, de origem polonesa, faziam questão que seus seis filhos estudassem (somos em cinco irmãos e uma irmã). Nenhum de nós faltou um dia sequer à aula. E ninguém reprovou, por isso a conclusão que chego é que o fato de você trabalhar e estudar não traz prejuízo nenhum. Pelo contrário. Só faz a gente crescer. Fiz o curso ginasial entre 1953 a 1957, no Seminário São Vicente de Paula, que fica em Araucária, município da região metropolitana de Curitiba. Voltei para minha cidade e comecei a trabalhar, porque lá não havia mais opções de estudo.

Em 31 de dezembro de 1961, ingressei no Serviço Social Rural (SSR), em Rio Azul. Foi um marco na minha vida, pois assinei meu primeiro contrato de trabalho. Permaneci por seis anos no SSR, em Rio Azul, e depois mais um ano em Ponta Grossa, trabalhando com a colonização russa. No começo de 1967, fui transferido para Curitiba, onde me casei com Ana Moysa. Nas reformas governamentais, o SSR foi extinto, assim como outros órgãos. Então, passei pela Supra (Superintendência de Política Agrária), Inda (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário), Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e, finalmente, entrei na Ocepar. Só vol-



“Vi na Ocepar uma oportunidade de mudança. Sabia o desafio que me esperava”

tei aos bancos escolares em 1971, quando ingressei no curso técnico em contabilidade, e na sequência no curso de ciências contábeis.

**Paraná Cooperativo** – Quando e como o senhor ingressou na Ocepar?

**Tadeu Duda** – O convite partiu do então presidente, Guntolf van Kaick, e do secretário executivo, Nelson Victor Trombeta. Eu trabalhava meio período no Incra, assim, nos primeiros meses, dediquei meu meio expediente livre para ajudar na organização administrativa da Ocepar. Fui contratado somente em 10 de agosto de 1972, mais de um ano depois da fundação da Ocepar. Sou o empregado efetivo número 01. Havia outros funcionários, mas a contratação deles aconteceu por meio de um convênio com o Ipeame (Instituto de Pesquisa Agropecuária Meridional). Portanto, não eram funcionários contratados diretamente pela Ocepar. Pelos registros da época, sou o funcionário número 31, porém, efetivo fui o primeiro. Tinha 31 anos e assumi cargo de chefe de escritório. A gente brincava que o cargo era de um chefe cuidando de si próprio. Mais tarde passei a gerente administrativo, onde permaneci até julho de 1996. Hoje sou auditor interno do Sistema Ocepar, com foco mais no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Paraná (Sescoop/PR).

**Paraná Cooperativo** – Por que decidiu trocar a estabilidade de

um serviço público por uma entidade de recém-criada?

**Tadeu Duda** - Uma das minhas aspirações era não continuar no serviço público. Eu queria buscar novos ares. E chegou um momento em que não era mais possível conciliar trabalho e estudos. Tive que optar entre continuar no serviço público e abandonar os estudos, ou trocar de emprego. Decidi trocar. Vi na Ocepar uma oportunidade de mudança. Sabia o desafio que me esperava. Estava deixando de lado não somente a estabilidade, mas também toda uma estrutura. A Ocepar não tinha nada. Havia tudo para ser feito.

Para a Assocep (Associação de Orientação às Cooperativas), constituída um dia depois da Ocepar, houve um repasse do Incra de Cr\$ 10 milhões (cerca de R\$ 47 milhões atualizados pelo IGP-DI de janeiro de 2015). Já a Ocepar dependia apenas do pagamento de mensalidades para se manter.

**Paraná Cooperativo** – E quais as dificuldades enfrentadas até que a Ocepar se estabelecesse como representante das cooperativas do estado?

**Tadeu Duda** - Dificuldades de toda natureza. Sem recursos financeiros, sede e pessoal próprio, no início ocupamos uma sala emprestada na Agro-Mate, que ficava na Av. Marechal Floriano Peixoto, em Curitiba. A cooperativa ainda cedeu um telefone, móveis, uma

máquina de datilografia e uma so-madora. A falta de recursos impossibilitava a contratação de funcionários. O trabalho era conduzido pelo então presidente Guntolf van Kaick, que era funcionário da cooperativa Cotia e foi liberado de suas funções para dedicar-se exclusivamente à Ocepar, e pelo 1.º secretário Osíris Dalla Bona, diretor da Agro-Mate e também cedido à Ocepar. O secretário executivo, Nelson Victor Trombeta, foi cedido pela Acarpa (Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná, hoje Instituto Emater), e eu dedicava meio expediente à Ocepar.

No final de 1972, mudamos para uma casa alugada na Rua Buenos Aires, locada em conjunto com a Assossep. Permanecemos até julho de 1975 nesse endereço, quando foi adquirido um espaço próprio, na Avenida Cândido de Abreu, onde o Sistema Ocepar permanece até hoje.

**Paraná Cooperativo** - Como era a atuação das cooperativas no início dos anos 70?

**Tadeu Duda** – Nessa época, a agropecuária não era muito expressiva no Paraná. Vivíamos a fase final dos ciclos da madeira e da erva-mate; a economia do café enfrentava a decadência; e a agroindustrialização era bastante incipiente. A Central de Laticínios do Paraná, por exemplo, produzia queijos em Carambeí numa sala pequena, praticamente do tamanho da sala que ocupo hoje no Sistema Ocepar.

Outros ramos do cooperativismo também tinham seus problemas. Poucas cooperativas de consumo foram bem sucedidas, sem falar nas dificuldades de infraestrutura e de comunicação. Vejamos o caso do Incra. Para o escritório de Capitão Leônidas Marques se comunicar com Curitiba, era preciso se deslocar de jipe até a delegacia de polícia de Foz do Iguaçu, e pedir que fosse passado um rádio para o Palácio Iguaçu, em Curitiba, que então telefonava para o escritório do Incra da capital para transmitir o recado. Isso mostra como a comunicação era um fator muito limitante.

**Paraná Cooperativo** – Na sua avaliação, por que foi preciso criar uma entidade para representar as cooperativas do estado?

**Tadeu Duda** - Primeiramente, temos que entender como o cooperativismo estava organizado no início dos anos 70. Em âmbito nacional, duas entidades - a Unasco e a Abcoop (União Nacional das Cooperativas e a Associação Brasileira das Cooperativas) - disputavam a representação do sistema. O governo federal decidiu acabar com esta disputa e propôs apoiar o cooperativismo, desde que houvesse uma unificação no trabalho de representação. As duas entidades foram extintas, dando lugar a uma única organização nacional, a OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras.

Em âmbito estadual, tínhamos a Ucepar (União das Cooperativas do Paraná), que tinha uma atuação bastante limitada, e a Federação do Mate, cujas cooperativas não eram representativas do ponto de vista econômico.

É importante lembrar que nessa ocasião, estava em discussão a reestruturação da nova lei cooperativista, que previa um sistema integrado de representação, com uma única organização nacional e uma organização estadual em cada estado. Ou seja, tínhamos por um lado o governo disposto a ajudar a organizar a representação do sistema, e, por outro, uma lei sendo discutida com essa mesma finalidade.

Foi então que o Incra - com apoio técnico do Usaid/Usda (órgão de desenvolvimento americano que tinha um escritório no Paraná), na pessoa do Henry H. Gerber - criou um grupo de trabalho visando a constituição de uma entidade para substituir a Ucepar e outra para atuar na área de treinamento/formação e de auditoria nas cooperativas.

O Mr. Gerber defendia a ideia de que as cooperativas não podiam depender do governo. Ele dizia “que no início o governo deveria agir como ‘patrão’ – organizando e determinando, ou seja, exercendo sua autoridade”. Numa segunda fase, na opinião dele, “o governo deveria agir como ‘sócio’, agindo em parceria e

apoiando o sistema”. E num terceiro momento, “que o governo devia atuar apenas como ‘amigo’, de preferência, um amigo distante, deixando que o setor caminhe com suas próprias pernas”. Esta ideia em relação ao papel do governo foi, mais ou menos, a proposta levada para o Encontro Estadual de Cooperativismo, realizado em 02/04/1971, data em que foi constituída a Ocepar. Na minha visão, a iniciativa do processo que culminou na criação da entidade foi do Incra, a quem cabia coordenar o sistema cooperativista, com exceção dos ramos crédito e habitacional. Também manifestaram apoio a Secretaria da Agricultura, através do DAC (Departamento de Assuntos do Cooperativismo), a Acarpa, o BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), o Banco do Brasil, o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento Econômico), o Dema (órgão do Ministério da Agricultura), a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná, o Usaid e a Fundação Friedrich Naumann (Alemanha), esta, inclusive, repassou recursos para a Assossep.

**Paraná Cooperativo** – De que forma, 44 anos depois, as lembranças da constituição da Ocepar lhe vêm à mente?

“Tínhamos por um lado o governo disposto a ajudar a organizar a representação do sistema, e por outro uma lei sendo discutida com essa mesma finalidade”





“Todos nós ajudamos a assentar ao menos um tijolo na construção do edifício do cooperativismo”

**Tadeu Duda** – Com um misto de saudade, orgulho e sentimento de dever cumprido. As memórias do dia 02 de abril de 1971 ainda estão bastante nítidas. O auditório da Cooperativa Agro-Mate ficou lotado. Havia muita expectativa em torno da criação de uma entidade que pudesse, efetivamente, andar junto com as cooperativas. As 37 cooperativas reunidas em assembleia geral manifestaram, por unanimidade, a vontade expressa de constituir a Ocepar.

Na época, as atribuições da Ocepar eram estatutárias, pois ainda não havia as prerrogativas estabelecidas na lei nº 5.764/71, que só veio a ser promulgada meses depois, em 16 de dezembro de 1971, estabelecendo a obrigatoriedade das cooperativas se registrarem na Ocepar. No início, então, a Ocepar funcionou mais como uma associação, com processos de filiação.

**Paraná Cooperativo** - Qual foi a principal bandeira no início?

**Tadeu Duda** - No meu modo de ver, a constituição da Ocepar foi um divisor de águas, portanto, a sua criação foi a primeira grande conquista do cooperativismo paranaense. A Ocepar foi a entidade que se colocou à frente das cooperativas e atuou como porta-voz junto ao governo e agentes financeiros.

As atas da diretoria da época registram diversas ações, contudo, duas grandes bandeiras foram levantadas nos primeiros anos: a constituição do Fundo Cooperativo

de Garantia contra o Granizo, considerado o primeiro seguro agrícola do estado; e a criação de um fundo de pesquisa para o trigo, ação que marcou o surgimento da pesquisa do sistema cooperativista paranaense e fez com que os recursos do fundo do trigo das cooperativas do Paraná, que até então eram enviados ao Rio Grande do Sul para financiar o centro de pesquisa da Fecotrigo, permanecessem no estado. O clima das regiões que produzem trigo no Paraná é diferente do clima do Rio Grande do Sul, por isso a pesquisa da Fecotrigo não servia aos produtores paranaenses. Precisávamos de estudos direcionados à nossa realidade, daí a necessidade de desenvolver pesquisas.

Ainda existem dificuldades a serem superadas, como a falta de uma maior e mais efetiva integração entre as cooperativas, mas é fato que o cooperativismo do Paraná avançou muito nesses 44 anos. E muito disso se deve ao trabalho da Ocepar que, hoje, é reconhecida até internacionalmente como uma entidade de representação do cooperativismo, cujo resultado decorre basicamente da seriedade de seus dirigentes e, também, em função das proposições apresentadas, da efetividade no seu trabalho, do atendimento das necessidades das cooperativas e da ausência de disputa de liderança no campo político.

**Paraná Cooperativo** - Como é que o senhor, que viu o nas-

cimento da Ocepar, vê hoje a pujança do cooperativismo do Paraná?

**Tadeu Duda** – Com extrema satisfação, como fruto de um bom trabalho e como uma vitória sobre os percalços vividos nesses 44 anos. O cooperativismo do Paraná se adaptou com eficiência aos ciclos econômicos, colocou em prática uma estratégia importante, que é a agroindustrialização, e hoje desponta como um dos principais setores da economia nacional. Obviamente, houve perdas no caminho. Tivemos centrais que não prosperaram e cooperativas que não conseguiram superar as dificuldades e sucumbiram. Mas isso não tira o mérito do que o cooperativismo do Paraná tem feito de importante.

O meu envolvimento com o cooperativismo - aliás são mais de 44 anos, porque já no Incra atuei no setor de cooperativismo e, antes, no associativismo nos núcleos coloniais - me faz sentir como um cidadão que buscou cumprir bem seu dever, não importando em que tarefas ou funções. Sinto-me como mais um elemento, dentre tantos outros que ajudaram a construir o cooperativismo do Paraná ou que ainda contribuem, a exemplo daqueles que hoje atuam no Sistema Ocepar. Todos nós ajudamos a assentar ao menos “um tijolo” na construção do edifício do cooperativismo. Hoje, todos nós da “casa”, estamos construindo, no dia a dia, a continuidade da história do Sistema Ocepar. 🍌